

“COMUNISTA COME CRIANCINHA”: FORMAÇÃO DOCENTE E ANTICOMUNISMO EM MINAS GERAIS NOS MEADOS DO SÉCULO XX

Helder de Moraes Pinto, LEC/UFVJM – pintojmp@yahoo.com.br

Ejes: 7. Presencias “invisibles” en la historia de La educación: estudios de género, etnia y religión

Resumo

Ideias e práticas católicas, bem como bibliografia anticomunista são aspectos certos na documentação da formação de professores, na Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, situada no Distrito de Conselheiro Mata, no município de Diamantina-MG, em meados do século XX. Portanto, o presente trabalho analisará alguns elementos que compõem a documentação anticomunista aventada. E para isso: I) identifica-se e discute-se a presença da doutrinação católica anticomunista na formação docente, no contexto de reconstrução da democracia brasileira, pós-ditadura Vargas; II) Ressalta-se dúvidas levantadas por intelectuais e educadores sobre os perigos de fragmentação social possibilitado pela ascensão do comunismo; III) Relaciona-se o surgimento de tensões sociais relacionadas à pobreza, ao uso e à distribuição da terra, às ideias e práticas educativas de feição social e anticomunista engenhadas pela Igreja Católica e oferecido às normalistas, cabe dizer que era um público majoritariamente feminino. A pesquisa documental explora: a) indícios descobertos em documentos primários do arquivo da Escola Normal em tela; b) vestígios em documentos primários da Arquidiocese de Diamantina; c) sinais encontrados em manuscritos pessoais de ex-normalistas; d) dados localizados em fontes legislativas; e) rastros descobertos em escritos de figuras como a psicóloga-educadora Helena Antipoff, o poeta-educador Abgar Renault, o padre-educador Álvaro Negromonte, entre outros. A inspiração interpretativa articulou conceitos da história da cultura escolar, da história da formação docente, das teorias sobre o imaginário, dos estudos foucaultianos e, da história do Brasil República (Populista). Uma das tendências da historiografia brasileira sobre o anticomunismo católico declara ser este, entre outras coisas, “uma postura de oposição sistemática ao comunismo ou àquilo que é a ele identificado, uma oposição que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas.” Trata-se “de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações religiosas, organização de grupos de ativistas e de manifestações públicas, atuação no Legislativo, etc.” Ressalta-se que “uma das instituições que mais se dedicaram ao combate ao comunismo no Brasil foi a Igreja Católica.” (Rodeghero, 2002). O caminho lógico do trabalho propõe a seguinte tese: no interior do estado brasileiro de Minas Gerais, em meados do século XX, a formação das professoras normalistas para atender escolas rurais estava condicionada por um imaginário anticomunista promovido, ao que tudo indica, pela Igreja Católica local/nacional. O procedimento heurístico aplicado procurou urdir evidências locais (micro históricas) com características gerais (macro históricas), ou seja, tentou-se enredar um vai e vem entre indícios

locais/globais/locais no que respeita ao tema da história do anticomunismo católico. Considerou-se, enfim, a situação da Escola Normal como campo de atuação da Arquidiocese de Diamantina, mergulhada num Brasil envolvido nas tramas da Guerra Fria.

Palavras-chave: formação docente, anticomunismo, imaginário católico